

CONTRIBUTOS PARA O DEBATE DA EPISTEMOLOGIA EM SERVIÇO SOCIAL

CONTRIBUTIONS TO THE DISCUSSION OF SOCIAL WORK EPISTEMO- LOGY

Jorge Ferreira

TRABAJO SOCIAL GLOBAL 2011, 2 (1) 63-77

<http://tsghipatiaeditorial.com/>

«Contributos para o debate da Epistemologia do Serviço Social» enquanto área de saber autónomo no quadro das ciências sociais consiste num questionamento sobre o Serviço Social e a sua Epistemologia. Reflecte ainda sobre a construção da teoria do Serviço Social incorporando um método reflexivo na definição e clarificação do objecto de estudo e de intervenção desta área de saber. Desenvolvemos uma análise facilitadora da compreensão da distinção do conhecimento comum, do conhecimento científico em Serviço Social. Identificamos ainda o conjunto de obstáculos epistemológicos no Serviço Social motivando um debate aprofundado sobre os princípios e fundamentos teóricos do Serviço Social como área científica do conhecimento contemporâneo.

«Contributions to the discussion of Social Work Epistemology» as an autonomous area of knowledge within the Social Sciences is a question about Social Work and its epistemology. It reflects on the construction of the theory of Social Work incorporating a reflective method in defining and clarifying the subject of study and intervention in this area of knowledge. We developed an analysis facilitates understanding of the distinction between common knowledge of scientific knowledge in social work. Has identified a set of epistemological obstacles in Social Work, motivating a discussion on the principles and theoretical foundations of social work as a scientific field of contemporary knowledge.

PC.- Ciência, epistemología, método; Serviço Social, teoria

KW.- Science, epistemology, method, Social Work, theorie.

Introdução

“A ciência constrói-se, pois, contra o senso comum, e para isso dispõe de três actos epistemológicos fundamentais: a ruptura, a construção e a constatação” (...), “as Ciências Sociais têm por objecto real, um objecto que fala, que usa a mesma linguagem de base de que se socorre a ciência e que tem uma opinião e julga conhecer o que a ciência se propõe conhecer” (Boaventura S. Santos, 2010:31).

O Serviço Social enquanto ciência social tal como qualquer outra (Sociologia, Psicologia, Antropologia) intervém sobre um objecto, o que dificulta fazer uma análise empírica (baseada na investigação), distinta, de uma análise de opinião, devido á sua relação de proximidade com o universo de estudo. Condicionantes que dificultam fazer uma ruptura epistemológica entre objecto científico e objecto imediato. (Bourdieu, Chamboredon, Passeron, 1968; Santos, 2010).

O Serviço Social tem os seus fundamentos científicos no quadro das ciências sociais e humanas, e os seus fundamentos éticos nas questões dos direitos humanos, da dignidade humana, da justiça social e da autodeterminação do sujeito como pessoa/cidadão. A construção do conhecimento em Serviço Social ganhou novos desafios no quadro da mundialização e da globalização da sociedade e do saber, sustentados no aprofundamento do estudo e da investigação dos problemas sociais contemporâneos na matriz interdisciplinar, o que levou esta área do conhecimento “ao abrir o campo de pesquisa, o Serviço Social, enquanto área disciplinar desenvolve uma atitude analítica de produção e construção do conhecimento” (Negreiros, 1999:38). O *modus operandi* do assistente social fundamenta-se num saber teórico que influencia e é influenciado pelas políticas sociais e pela legislação social que legitimam a gestão das respostas de bem-estar social às necessidades do cidadão e de satisfação dos direitos sociais. (Andrade, 2001; Serafim, 2001; Restrepo, 2003; Pereirinha, 2008). “O agir é constituído no trânsito entre o pensar e o fazer. Esse movimento do pensar para o fazer, esse processo de comunicação, essa passagem da ideação para a acção, essa objectivação da subjectivação, é mediação”. (Andrade; 2001:63 in Ferreira, 2010:257).

As dimensões axiológicas do Serviço Social têm inflexão nas práticas operativas dos profissionais, dotando-os de maior capacidade crítica face às suas práticas e intervenções, com vista à inovação da resposta social em benefício do cidadão. Ideia reforçada por Bachelard “é a

reflexão que dará um sentido ao fenómeno inicial sugerindo uma sequência orgânica de pesquisas, uma perspectiva racional de experiências” (Bachelard, 1971:17). A metodologia do Serviço Social assume-se como um processo reflexivo resultante do agir profissional e dos testemunhos dos sujeitos, tornando-se facilitadora da construção de conhecimento face aos objectos de acção do Serviço Social. Bachelard, refere que “ A objectividade científica só é possível depois de termos rompido com o objecto imediato, de termos recusado a sedução da primeira escolha, de termos parado e contradito os pensamentos que nascem da primeira observação. Toda a objectividade, devidamente verificada, desmente o primeiro contacto com o objecto.” (Bachelard, 1971:129). Em Serviço Social o processo de atendimento, diagnóstico, intervenção e avaliação desenvolve-se por etapas ascendentes que vão desde o acolhimento, á percepção do problema, á confirmação por meio de prova do problema, á resposta e ao acompanhamento e avaliação da eficácia da intervenção no que respeita á alteração da situação inicial da pessoa. É este processo metodológico fundamentado no método reflexivo que permite maior objectividade à acção do Serviço Social.

1. Inferência/evidência em Serviço Social

No domínio da objectividade científica, o Serviço Social constrói o seu objecto a partir da dimensão subjectiva do problema ou da necessidade social. Processo este que exige ao profissional um saber teórico que lhe permite fazer a distinção entre evidência e inferência tomando como ponto de partida a máxima de La Palice «se é evidente então porque razão procurar!». A evidência salta aos olhos (Pascal). Na acção do Serviço Social não existem caminhos fáceis e sempre previsíveis na procura da verdade. É normalmente por aproximação e por etapas sucessivas que é possível chegar á inferência. Mas só a partir de dados acumulados (Freud) poderão certas preposições gerais surgir e serem finalmente formuladas cientificamente.

Em Serviço Social a inferência constitui uma etapa decisiva no processo diagnóstico para uma boa e adequada análise do problema social, consiste numa etapa definitiva do raciocínio científico, possibilitando desta forma a construção de conceitos e definição de teorias. Este processo desenvolve-se através de interrogações, proposições, em linguagem científica designadas de hipóteses ou indagações teóricas, que implicam o uso de um método científico (dedutivo e/ ou indutivo). Na fase diagnóstica os dados, os factos e os acontecimentos servem de ponto de partida para a definição das inferências. A inferência responde às exigências do método científico associando a investigação á arte de pensar, ou em linguagem de Serviço Social ao processo de problematização do objecto de estudo/intervenção. A

evidência aproxima-se do que designamos de senso comum, ou seja observa e analisa o conjunto de dados e de conhecimento ou resultados obtidos pela acção imediata, bem como estatísticas. Como refere Gaston Bachelard, “O conhecimento científico é sempre a reforma de uma ilusão”(…), “ O simples facto do carácter indirecto das determinações do real científico já nos coloca num reino epistemológico novo”. (Gaston Bachelard, 1971:18).

2. Distinção entre o Conhecimento comum e o conhecimento científico em Serviço Social

O assistente social fala da experiência que resulta das suas práticas profissionais, colocando mais a ênfase na sua visão individual das situações e dos problemas do que desenvolver uma análise aprofundada da origem e razões que fundamentam o respectivo problema. Esta forma de olhar o mundo não se distancia do conhecimento comum, levando-nos a questionar a actividade científica do assistente social na elaboração do pensamento científico. Segundo Bachelard (1971), a filosofia das ciências:”terá de nos fazer assistir ao drama quotidiano do estudo quotidiano, de descrever a rivalidade e a cooperação entre o esforço teórico e a investigação experimental, de nos colocar no centro do perpétuo conflito de métodos que é o carácter manifesto, o carácter tónico da cultura científica contemporânea” (Congrés international de Philosophie des Sciences, 1949. In Bachelard, 1971:23).

Nas práticas dos assistentes sociais encontramos um método sistemático e estruturado em elementos do processo de intervenção, ou seja: estudo, diagnóstico, planeamento, execução, avaliação e sistematização e/ou investigação. (Restrepo, 2003; Robertis, 2003). Como refere Negreiros (1999), “os assistentes sociais, estruturam a prática profissional em três níveis:

- Cognitivo: promovendo a informação, fomentando a compreensão do funcionamento da estrutura social e das formas de utilização dos seus recursos;
- Relacional: facilitando o desenvolvimento das relações interpessoais e grupais, capacitando para o assumir de novos papéis e estimulando formas de comunicação e expressão;
- Organizativo: promovendo a interação entre cidadãos, organizações e estruturas sociais, accionando ou criando novos recursos sociais, e desenvolvendo a participação e capacidade organizativa dos indivíduos e grupos.” (Negreiros, 1999:17)”.

Estes níveis de estruturação da prática profissional colocam alguns obstáculos epistemológicos ao Serviço Social na medida em que orientam a prática muito sustentada na relação profissional – objecto de acção e não suportada em métodos que produzam um questionamento e análise aprofundada do problema. Em Serviço Social a construção do conhecimento passa essencialmente por um processo indutivo, por vezes baseado nos conhecimentos ontológicos do profissional. A acção do assistente social não se fundamenta em intuições ou suposições sobre a leitura e diagnóstico do problema em análise /estudo, suporta-se no método que orienta a intervenção e ou a investigação que o mesmo desenvolve para compreender o problema real, levar o sujeito a tomar consciência do seu problema e a desenhar um plano de resposta ao mesmo. No domínio do Serviço Social assistimos hoje ao desafio da construção de uma doutrina do saber que aprofunde um conhecimento científico nesta área das Ciências Sociais e Humanas. Segundo Robertis “ o assistente social como profissional de ajuda, dirige-se a pessoas ou grupos em situação de «incapacidade social», com a missão de facilitar os elementos que lhes permitam passar de uma situação de incapacidade a uma situação de capacidade e de uma situação de dependência a uma situação de autonomia, podendo exercer os seus direitos e integrar-se na sociedade”. (Robertis; 2003 in Ferreira;2011:206).

3. Obstáculo epistemológico

Partindo da afirmação de Bachelard “O real nunca é aquilo que se poderia crer, mas é sempre aquilo que se deveria ter pensado” (1971:165), um dos primeiros obstáculos epistemológicos que se coloca em Serviço Social é o facto de o profissional usualmente emitir opinião prévia sobre o problema e ou a situação em estudo sem que primeiro a analise na sua dimensão primária, de forma a questioná-la e a desconstruí-la. “*Face ao real, aquilo que se julga saber claramente ofusca aquilo que se deveria saber*” (Bachelard, 1971: 166).

A complexidade dos problemas sociais contemporâneos envolve os sujeitos individuais e colectivos (famílias) numa teia de relações sociais multi, inter e transdisciplinares que obrigam o profissional (assistente social) a definir uma metodologia adequada e rigorosa de estudo, diag-

nóstico e resposta social. É também importante reflectirmos no Serviço Social sobre os sujeitos de atenção, reconhecendo-os como pessoas informadas e com conhecimentos mínimos na apreensão do real e das estruturas sociais de apoio e acção social.

Um segundo obstáculo é a quase ausência de pensamento crítico no exercido da actividade profissional dos assistentes sociais, o que leva a criar rotinas de práticas que não acompanham a evolução dos problemas e não criam respostas inovadoras às necessidades sociais. No entanto o Serviço Social tem como quadro epistemológico a vantagem de interagir continuamente com o seu campo empírico de acção na relação que estabelece com o sujeito individual e colectivo, com a comunidade, com as instituições/organizações e com a sociedade. Sendo nesta teia de relações e interacções que se deve identificar e construir a epistemologia do Serviço Social.

4. Método

Actualmente o, assistente social manifesta, uma capacidade crítica e um pensamento reflexivo com impactes na responsabilidade social das organizações e na resposta profissional competente e de qualidade aos desafios da sociedade contemporânea marcada pela globalização social. Acrescente-se que a crise dos modelos explicativos da realidade e dos problemas sociais, questionam as matrizes teóricas subjacentes à intervenção social. Assistimos a uma maior exigência ao nível da gestão e da eficácia dos serviços sociais (Banks:2003).

O Serviço Social tem por objecto de estudo o Homem na sua dimensão de sujeito de direitos e na sua Dignidade Humana em sociedade, exigindo do profissional (assistente social) competência para conhecer e compreender uma realidade complexa, que apresenta dimensões múltiplas, dotada de uma pluralidade de relações e interacções e caracterizada por uma mudança continua. Um dos pilares do saber em Serviço Social é a dicotomia entre Teoria e Prática, estabelecendo uma relação dialéctica ente o saber e o fazer ou entre conhecimento e prática e vice-versa. A teoria é uma espécie de ideal, uma construção abstracta longe da realidade, domínio das ciências puras (empíria). Esta procura ser uma resposta aos problemas emergentes na e pela acção. A prática é o real, o que se faz, o que as pessoas sentem, as dificuldades, as barreiras e as dificuldades. A relação teoria e prática levam a desenvolver uma intervenção profissional directa sobre os problemas reais, uma intervenção sustentada em ferramentas téc-

nicas e no conhecimento de como são as coisas. Desafio que representa uma realidade definida pela mutação constante, pelas especificidades que caracterizam indivíduos e grupos e seus contextos, originando uma certa efemeridade do presente. (Robertis; 2003, Ferreira; 2011). A partir desta relação (teoria/prática) podemos questionar as dimensões de realismo e teoricismo em Serviço Social. O primeiro (realismo) associado com a capacidade de pensar que está relacionado com a prática e o segundo teoricismo associado à investigação, ou seja ao estudo e leitura empírica através de instrumentos de recolha e tratamento da informação (esta última muito recente em Serviço Social). Segundo Bourdieu (1995: 27) “este ofício de pensar, manifesta o modo de formular perguntas e de problematizar os verdadeiros problemas e as leis naturais a-históricas, independentemente da forma como estas sejam concebidas”. A teoria facilita a orientação sobre as construções sociais, podendo obter uma visão global da realidade social, que facilite a sua análise e argumente as suas reflexões sobre a prática. A comprovação prática dos conhecimentos teóricos, permite uma nova formulação, verificação e inclusivamente refutação quando a teoria seja pouco adequada aos contextos práticos de referência. (Robertis, 2003, Viscarret; 2008; Ferreira; 2011).

O teoricismo, resulta de uma forte articulação no quadro das ciências sociais e na adopção de correntes teóricas, nomeadamente: Marxismo, Funcionalismo, Estruturalismo, Liberalismo, Sistémico. Amaro (2008), afirma que as “correntes como o funcionalismo, o estruturalismo, o subjectivismo, o construtivismo ou o interpretativismo têm uma forte influência no Serviço Social, mas não podem ser consideradas, em si mesmas, teorias do Serviço Social”. Se a teoria social nos ajuda a pensar o que é a sociedade, a teoria do Serviço Social terá que nos fornecer pistas sobre o que é a mudança social e como é que pode ser feita. A teorização em Serviço Social é um processo que possibilita reconhecer a área do Serviço Social como um campo do saber autónomo, porque esta sistematiza uma base conceptual que uniformiza o discurso do Serviço Social como área de conhecimento científico. O Serviço Social no quadro do paradigma construtivista, caracteriza-se pelo conhecimento que podemos construir do real, como resultado da sua própria experiência. A acção desenvolve-se no contexto da construção do conhecimento. Neste paradigma encontramos uma relação forte entre conhecimento e representação, reconhecendo esta como uma mediação que possibilita partilhar o conhecimento produzido. Na perspectiva do desenvolvimento social e humano e na promoção de igualdade de oportunidades e da não discriminação, actua e promove o empower.

O Serviço Social intervém quando uma situação problemática, solicita uma intervenção explícita sobre as relações sociais de forma a preservar o equilíbrio social. A acção do assistente social é mais que uma aplicação de uma ciência pura, é uma acção consciente, intencional, orientada, organizada e que procura ser potencialmente eficaz. É uma intervenção social apoiada numa pluralidade de ciências que exige um saber: reapropriado, reconstruído, construído pelo acto de fazer. Na construção deste saber o Serviço Social necessita de aprofundar e clarificar a sua epistemologia no quadro das ciências sociais, como refere Bourdieu (1968) a epistemologia é o estudo dos princípios fundamentais de uma disciplina científica e das condições da sua cientificidade que define um modo de conhecimento teórico.

Em Serviço Social é também importante o método na construção do objecto científico, sendo este (o método) que leva a uma precisão do objecto de estudo do Serviço Social ao nível da intervenção e da investigação. No âmbito do Serviço Social o objecto integra-se sempre numa problemática, colocando desafios num processo de conceptualização e aprofundamento do mesmo. “O objecto reconhecido e nomeado oculta-lhes o objecto a conhecer” (Bachelard, 1971:135). Em Serviço Social falamos de métodos clássicos denominados de Serviço Social de Casos, Grupos e Comunidades e de métodos contemporâneos identificados com conhecimentos e teorias procedentes de outras ciências e com a estrutura de procedimentos que orientam o exercício profissional. Segundo Moix (1991), “perante um problema concreto o assistente social (...) faz o seguinte: em primeiro lugar recolhe os factos; em segundo lugar, estuda a situação tal como se apresenta na sua totalidade, depois de fazer a sistematização de todas as observações que registou, numa terceira fase, procura formular o diagnóstico, e por, último elabora um plano de acção. Esta forma lógica e ordenada de abordar o problema é o método” (in, Garcia e Bracho, 2006:395). As orientações teóricas assumem um papel importante na modelação da prática, “ao construir tipologias de intervenção em Serviço Social para cada situação particular, em função dos parâmetros próprios de cada contexto, uma especificidade para a análise das situações quotidianas” (Robertis, 2003: 142). Segundo Viscarret (2008), a teoria pode influenciar a prática profissional, aos níveis: da observação (o que observar e como fazê-lo); da descrição (vocabulário conceptual e marco teórico que permitem ordenar e classificar as observações feitas); da explicação (oferece a possibilidade de uma leitura lógica sobre os problemas); da predição (indica o que pode acontecer a seguir) e da intervenção (sugere caminhos para obter resultados).

A construção do objecto científico em Serviço Social passa por um processo dialéctico estabelecido entre método e prática (prática no sentido de experienciação). A construção da epistemologia em Serviço Social requer a aferição de uma linguagem conceptual científica que seja universal e não particular em função do contexto societário onde se insere. A intervenção do assistente social não é improvisada, mas sim baseada num conjunto de conhecimentos de diferentes disciplinas, que lhe permitem definir um quadro teórico - metodológico próprio no marco das Ciências Sociais e Humanas. M. Richmond (1922), considerava existir o mesmo espaço científico e profissional nas disciplinas que constituem as ciências sociais, restringindo a cada uma delas um campo particular de metodologia, de construção de objectos e objectivos. (in, Silva: 2004).

5. Questões Epistemológicas no Serviço Social

O Serviço Social utiliza os quadros teóricos das ciências sociais e humanas, orientada por quatro ordens de valores ou sejam:

- Os valores Humanistas, que centram a sua atenção no Homem e no respeito de si mesmo;
- Os valores democráticos que desenvolvem as condições necessárias ao desenvolvimento da sua personalidade e a sua participação social e cívica na sociedade;
- Os valores políticos e económicos, que promovem o principio da subsidiariedade e da igualdade de oportunidades e de direitos sociais;
- Os valores educativos, sustentados na dimensão científica do saber onde o profissional se apoia e fundamentam o seu plano de intervenção.

No domínio ético, o profissional deve saber respeitar e usar na sua intervenção os princípios de singularidade, de liberdade e autodeterminação de cada cidadão, o respeito de intimidade e à vida privada da pessoa, a autonomia da pessoa reconhecendo-lhe competências e capacidades, e de interdependência face aos direitos e deveres que são reconhecidos a todo o Cidadão em sociedade. É também importante realçar a ética da responsabilidade social e a ética da comunicação. “A evolução ética e deontológica da profissão na actualidade, (...), postula um novo humanismo: o humanismo social, baseado sobre a ética da convicção (...), a ética da responsabilidade – que inclui para além dos objectivos a análise dos meios, das diferentes opções e a avaliação das suas consequências, assim como a nossa capacidade empática, e a ética da discussão, que supõe a elaboração colectiva, a partir da livre discussão entre pessoas

implicadas, e que inclui ter de partilhar, elaborar, decidir em relação a projectos comuns, com todo o que significa de negociação, concessões, e acordos.” (Robertis, 2003:11).

A epistemologia do Serviço Social está na relação teoria e prática. Howe (1999), considera que a teoria é o que permite definir as formas de ver o mundo e explicar o comportamento das pessoas, dos objectos e as situações. O Serviço Social Crítico bebe das correntes construtivistas da teoria social, podendo mesmo centrar as suas concepções neste predicado. É, naturalmente, neste âmbito que se inscreve o Serviço Social Construtivista proposto por Parton (2000). Desenvolve-se, neste âmbito, a prática reflexiva que, mais do que visar a constituição de um conhecimento estabilizado, pretende o desenvolvimento das capacidades de reflexividade e de acção, tendo em vista o engajamento entre “as nossas ‘verdades’, ‘histórias’ e ‘construções’ e as dos outros” (Parton et al, 2000: 248).

A teoria fundamenta-se na epistemologia reconhecida como doutrina do conhecimento científico, possibilitando a construção de diferentes formas de cada um olhar o mundo.

Na actualidade importa aprofundar o debate sobre a epistemologia do Serviço Social, sobre:

- Os valores na construção do objecto do conhecimento do Serviço Social;
- O papel da experiência na construção do conhecimento em Serviço Social (perante uma carência técnica instrumental, assistimos na actualidade ao uso diversificado de instrumentos de natureza mista (uma parte de Serviço Social e outra de outras ciências) ou de empréstimo.

O Serviço Social suporta-se numa filosofia aberta que se constrói no exercício da actividade sobre o desconhecido, baseado no real que foi contradito pela experiência anterior. Para Bachelard, “O idealismo perde assim toda a possibilidade de explicar o pensamento científico moderno. (...). O pensamento científico necessita de uma realidade social, (...)”. (1971:123). A investigação científica tem como ponto de partida um problema, enquanto o Serviço Social tem como ponto de partida a problemática.

Sheldon (1978), identificou as dificuldades para concretizar uma sistematização teórica em Serviço Social:

- O facto da teoria e prática provirem de subculturas diferentes, uma académica e outra do exercício profissional (praxis).

- O plano de serviço social tende a potenciar o ecletismo, o qual pode beber das diferentes teorias das ciências sociais e humanas.
- A cultura profissional do Serviço Social não tem uma tradição de investigação, o que leva a que os profissionais não reflectam sobre a intervenção nem a avaliem de forma a aprofundar o seu conhecimento e competência.

A natureza teórica – científica de uma área do saber define-se, pelo conhecimento sistemático específico e pelo seu método, também específico, por meio do qual uma disciplina se torna autónoma e ganha o seu domínio científico. O Serviço Social é uma disciplina científica autónoma na medida em que se dedica ao estudo especializado de uma parte da natureza social do ser humano ou de outras actividades, consideradas no domínio das ciências sociais. Cada uma das ciências sociais estuda um ou vários aspectos da realidade social dentro do seu campo específico de conhecimentos. É essa dimensão de autonomia científica que o Serviço Social tem de aprofundar e sustentar melhor ao nível teórico de forma a integrar o debate informado e sustentado no campo da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade construindo assim, domínios específicos da sua acção enquanto área científica das ciências sociais.

Na actualidade as teorias epistemológicas classificam os conhecimentos das diferentes áreas científicas em grandes categorias diferenciadas:

- **Conhecimentos proposicionais:** referentes aos estados das coisas – factos, teorias, leis e normas sociais;
- **Conhecimentos operacionais:** referentes às actividades que podem ser realizadas sobre diferentes coisas.

O conhecimento proposicional (**científico**) serve de base ao conhecimento operacional (**prática**).

O Conhecimento proposicional integra as teorias: descritivas, diagnosticas e prospectivas, reconhecendo o cidadão como sujeito activo do seu bem-estar.

O Conhecimento operacional agrega os sistemas técnicos de intervenção nas situações sociais objecto do trabalho do assistente social. Desenvolvem uma metodologia avaliativa assertiva e objectiva centradas na intervenção sobre as situações problema. Metodologias facilitadoras e promotoras da mudança social.

No Serviço Social identificamos dois níveis de intervenção:

- **A intervenção Assistencialista** – procura corrigir uma disfuncionalidade através da utilização de recursos sociais e comunitários, aliviar as necessidades, limitações e alterar os factores promotores de situações problemáticas e de mal-estar social. (mundo individual da pessoa)

- **A intervenção Promotora de Autonomia** – procura reduzir as diferenças existentes entre a capacidade natural de resposta ou de funcionalidade social dos indivíduos na resposta às suas situações problemáticas atendendo á sua realização pessoal e progresso social. (mundo exterior)

Conclusão

O Serviço Social é um conjunto de saberes, que se ocupa da teoria e da acção social que intervêm no desenvolvimento e implementação do bem-estar social, qualidade de vida, implicando nele o indivíduo, o grupo e a comunidade, assim como as instituições e serviços relacionados com as diferentes áreas de intervenção. Segundo a Assembleia Geral da Federação Internacional dos assistentes sociais e Associação Internacional de Escolas de Serviço Social (2000): *“O Serviço Social promove a mudança social, a solução dos problemas de relações humanas e a capacitação e libertação da pessoa com vista a melhorar o seu bem-estar”*.

Segundo Beckett (2006), o conhecimento resulta de estudos/ investigação; políticas públicas e sociais; legislação; directrizes comunitárias; política e filosofia da entidade empregadora, e que as teorias providenciam ideias e modelos que podemos utilizar para encontrar o sentido e a compreensão das situações e dos problemas que são objecto da intervenção social e para fundamentar e construir as respostas sociais na prática profissional. Para Beckett (2006), os assistentes sociais devem “pensar teoricamente com eclectismo”, propondo o recurso a uma diversidade de fontes, uma vez que uma só teoria tem dificuldade em possibilitar uma compreensão e fazer propostas de acção e de resposta ao problema social em estudo.

Autores como Lee, (2001), Zastrow (2007) e Hepworth *et al* (2010) defendem que o conhecimento na prática do Serviço Social decorre, não apenas das variáveis testadas empiricamente, mas, também, da experiência profissional. (Phillips, 1957; Henry 1992, Lee; 2001).

A prática profissional orientada pela filosofia e princípio ético do *empower* pressupõe o reconhecimento, por parte do assistente social, de que o sujeito, grupo ou comunidade dispõe de recursos e capacidades, e de que, a falta ou insuficiência de poder, que este manifesta se deve ao facto de existirem obstáculos que o impedem de utilizar os recursos disponíveis, tornando-se de forma directa ou indirecta “alvo” de discriminação ou de opressão (Adams, 2008; Teater, 2010). “A intervenção do assistente social caracteriza-se por um processo de mediação, enquadrado numa matriz interdisciplinar, de forma a obter resultados de integração e autonomia associados a ganhos de confiança da pessoa na sociedade, produzindo redução de gastos públicos (ganhos para a implementação de novas medidas de política social e de prevenção) e de maior equilíbrio entre receita e despesa pública (maior justiça social)”. (Ferreira, 2011: 277).

Jones, Cooper e Ferguson (in Howe 2008) defendem que a melhor prática social é baseada na crítica reflexiva, enfoque nas soluções e assente em teorias fortes e em princípios e valores sustentados. Segundo os autores, o Serviço Social deve compreender as experiências dos sujeitos dos serviços sociais e implicar-se na experiência subjectiva, durante o processo de intervenção, onde se processa uma escuta activa da história de vida e onde se percepção o conhecimento emocional e psicológico na relação entre ambos. O assistente social deve privilegiar uma atitude de constante indagação, ao nível de um questionamento, numa perspectiva reflexiva e construtivista, enquanto forma facilitadora a promover alterações, adaptações e melhorias na qualidade de vida dos sujeitos de atenção.

Segundo Adams, Dominelli e Payne, (2009) o Serviço Social crítico contemporâneo, fundamentado nas teorias pós-estruturalistas permite orientar uma prática crítica, reflexiva, intencional, participativa, permitindo, ainda, a extensão da intersubjectividade na compreensão da realidade social.

Para Healy, (2001), as estratégias de consciencialização individual e colectivas são importantes nas correntes críticas, como meio de compreender, reflexivamente, a organização da estrutura social, levando ao questionamento das visões do mundo naturalizadas e auto-limitadoras, interiorizadas pelos sujeitos mais vulneráveis.

Referências Bibliográficas

- Adams, R. (2008) - *Empowerment, Participation and Social Work*, 3ª edição, Nova York, Palgrave Macmillan.
- Adams, R; Dominelli, L. (2009). *Critical Practice in Social Work*. Palgrave Macmillan: New York.
- Amaro, M.I. (2008). Os campos paradigmáticos do Serviço Social: proposta para uma categorização das teorias em presença. In revista LOCUS Soci@I, nº1,p:65-80.Universidade Católica Portuguesa.
- Andrade, M. (2001) Serviço Social e Mutações do Agir na Modernidade, Tese de doutoramento, Ed. PUC/SP. São Paulo.
- Bachelard, G. (1971) A epistemologia. Lisboa. Edições 70.
- Banks S. (2003). *Ethics, Accountability and the social professions* UK: Palgrave Macmillan
- Beckett, C. (2006), *Essential Theory for Social Work Practice*, Londres, Sage
- Bourdieu, P. (1995) *Contrafogos* – Rio de Janeiro. S. Paulo. Ed. Jorge Zahar.
- Bourdieu, P. J; Chamboredon, J.C. Passeron, (1968). *Le Metier de Sociologue*, vol. 1, Paris. Ed. Mouton.
- Ferreira, Jorge, M.L. (2011). *Serviço Social e Modelos de Bem-Estar para a Infância: Modus Operandi do Assistente Social na Promoção da Protecção à Criança e à Família*. Lisboa. Ed. Quid Juris.
- Garcia Fernandez, T e Bracho, C. (coords). (2006) *Introducción al Trabajo Social*, 3ª ed., Madrid. Ed. Alianza Ciencias Sociales.
- Hepworth, D.H. et al. (2010) - *Direct Social Work Practice. Theory and Skills*, Eighth Edition, USA, Ed. BROOKS/COLE Cengage Learning.
- Howe, D. (1999). *Dando sentido a la práctica. Una introducción a la teoría del Trabajo Social*. Granada. Ed. Maristán.

- Howe, D (2009) - *A Brief Introduction to Social Work Theory*, London, Palgrave macmillan.
- Healy, K. (2001), *Trabajo Social: perspectivas contemporáneas*, , Fundación Paideia: Madrid. Ediciones Morata
- Lee, J.A. B. (2001) - *The Empowerment Approach to Social Work Practice. Building the Beloved Community*, 2.^a edição, Nova York, Columbia University Press.
- Moix, M. (1991). *Introducción al Trabajo Social*. Madrid. Ed. Trivium.
- Negreiros, M^a A. (1999) *Serviço Social uma profissão em movimento-a dinâmica académico-profissional no Portugal pós 74*. São Paulo. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- Parton, N. (2000). Some Thoughts on the Relationship between Theory and Practice in and for Social Work. *British Journal of Social Work*, 30, 449-463.
- Pereirinha, J. A. (2008) *Política Social. Fundamentos da Actuação das Políticas Públicas*. Lisboa. Ed. Universidade Aberta.
- Restrepo, O.L.(2003) "Reconfigurando el trabajo social. Perspectivas y tendencias contemporáneas. 1^a Edição. Buenos Aires. Editorial Espacio.
- Robertis, C. (2003) *Fundamentos del trabajo social. Ética y metodología*. PUV. Universitat de València. Valência/Espanha. Ed. Nau llibres.
- Ruch, G.; Turney, D.; e Ward, A.. 2010. *Relationship-Based Social Work - Getting to the Heart of Practice*. London : Jessica Kingsley Publishes.
- Santos, B. (2010) *Introdução a uma ciência Pós Moderna*. 5^a reimpressão. S. Paulo. Ed. GRAAL LTDA.
- Serafim, M.R. (2001) *O Local em Rede: novos horizontes para o Serviço Social* (pp. 91-107) in *Estudos do Serviço Social Brasil e Portugal*. São Paulo/Brasil. Ed. Educação.

Sheldon, B. (1978). «Theory and Practice in Social Work: a reexamination of a tenuous relationship». *British Journal of Social Work*, 8, (1-22).

Silva, I. (2004). *Mary Richmond, um olhar sobre os fundamentos do Serviço Social*. Rio Janeiro: CBCISS.

Teater, B. (2010). *An Introduction to Applying Social Work Theories and Methods*. England : 978-0-33-523778-4, 2010. Open Iniversity Press.

Viscarret, J.J (2009). *Modelos y métodos de intervención en Trabajo Social*. Madrid. Editora Alianza Editorial.

Zastrow, C. (2007). *The Practice of Social Work a Comprehensive Worktext*. 8ª edição. s.l. : Thomson, 2007. ISBN - 0-495-09084-0.

Jorge Ferreira (Doutor em Serviço Social; Professor Auxiliar Convidado ISCTE – IUL Universidade Lisboa; Professor Auxiliar Universidade Lusíada – Instituto Superior Serviço Social. Portugal). Director Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social. Director Revista *Intervenção Social*.

E-mail: socialjorge@sapo.pt
